

**CONHECIMENTOS TRADICIONAIS DOS POVOS INDÍGENAS DA REGIÃO
PANTANEIRA SUL-MATO-GROSSENSE SOBRE A PREVENÇÃO DAS
INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS**

**TRADITIONAL KNOWLEDGE OF INDIGENOUS PEOPLES OF SOUTH MATO
GROSSO PANTANAL REGION ON SEXUALLY TRANSMITTED INFECTIONS
PREVENTION**

**Léia Teixeira Lacerda¹
Kátia Cristina Nascimento Figueira²
Maria Leda Pinto³**

Resumo: Os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena (1998) possibilitam aos gestores das escolas que funcionam em áreas indígenas organizarem os eixos fundamentais do currículo, incentivando o desenvolvimento de projetos educacionais de autogestão e comunitários. Entretanto, esse incentivo governamental deixa de assumir as suas atribuições básicas, ou seja, deixa de investir em uma política para a educação escolar indígena que atenda às reais necessidades das etnias brasileiras. Isso significa que além de esses gestores estruturarem os projetos diferenciados e interculturais, é preciso desenvolver uma política de educação continuada que considere os conhecimentos indígenas e não indígenas, isto é, um currículo estruturado do universal para o singular, com a implementação de um projeto pedagógico sistemático e não com programas isolados. Assim, esta comunicação visa apresentar os resultados do referido Programa realizado em conjunto com os Acadêmicos Indígenas da UEMS e da UFMS – dos povos Guató, Kadiwéu, Kinikinau e Terena – do Pantanal Sul-Mato-Grossense, possibilitando reflexões sobre essas ações. Esta proposta incidiu sobre a realização de oficinas, coleta de depoimentos dos acadêmicos e dessas comunidades, produzindo o registro do funcionamento das instituições escolares e dos processos próprios de aprendizagem no que diz respeito à compreensão dessa temática. A pesquisa organizou um banco de dados primários, contendo a descrição das concepções sobre a origem das doenças, bem como a compreensão desses indígenas sobre os saberes científicos

¹ Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional em Educação e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado em Educação das Unidades Universitárias de Campo Grande e Paranaíba da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Líder do Grupo de Pesquisa: Educação, Cultura e Diversidade – CNPq. E-mail: leia@uems.br

² Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional em Educação da Unidade Universitária de Campo Grande da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Vice-líder do Grupo de Pesquisa: Educação, Cultura e Diversidade - CNPq. E-mail: kátiafigueira@uems.br

³ Docente do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado em Letras da Unidade Universitária de Campo Grande da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa: Educação, Cultura e Diversidade - CNPq. E-mail: leda@uems.br

em uma inter-relação com os conhecimentos que esses povos construíram sobre essas infecções, evidenciando a complexidade que envolve a abordagem do tema e, sobretudo, os contatos interétnicos vividos por seus pares.

Palavras-chave: Currículo. Saberes Tradicionais. Educação Indígena. IST. Prevenção.

Abstract: The National Curriculum Benchmarks for Indigenous Education (1998) make it possible for managers of schools operating in indigenous areas organize the essential elements of the curriculum, encouraging the development of self-management and communitarian educational projects. However, this government incentive fails to assume its basic tasks, ie, ceases to invest in a policy for indigenous education that meets the real needs of Brazilian ethnic groups. This means that in addition to these managers structure differentiated and intercultural projects, it's needed to develop a continuing education policy that considers the indigenous and non-indigenous knowledge, that is, a structured curriculum from the universal to the singular, with the implementation of a systematic education program and not with isolated programs. Thus, this communication aims to present the results of the program carried out in conjunction with the Indigenous Academic of UEMS and UFMS - Guató, Kadiwéu, Terena and Kinikinau People – from the South Mato Grosso Pantanal, allowing reflections on these actions. The proposal focused on workshops, gathering testimonies from the scholars and those communities, producing the record of the educational institutions functioning and their own learning processes in relation to the understanding of the subject. The research organized a primary database, containing a description of the diseases origin concepts and the understanding of these indigenous on scientific knowledge in an interrelationship with the learning that these people built on these infections, highlighting the complexity which involves the approach to the issue and, above all, interethnic contacts experienced by their peers.

Keywords: Curriculum. Traditional Knowledge. Indigenous education. STI Prevention.

Introdução

Ao discutir o conceito de identidade indígena, Maher (1996) afirma que a indianidade é um construto essencialmente político e ideológico, envolvendo tanto o aspecto sociocultural, quanto histórico. Dessa maneira, é preciso estar atento para o caráter político e ideológico presente na construção identitária dos povos indígenas contemporâneos revelados em seu discurso.

De acordo com Lopes da Silva (1981) quando nos referimos a “educação indígena” é preciso diferenciar os processos tradicionais de socialização, próprios de cada povo, de uma educação que decorre da situação de contato e da inclusão das etnias indígenas à sociedade nacional. Neste caso, para a autora, estão tanto as escolas pensadas como instrumento de colonização e negação da identidade própria a cada povo e, portanto, da diversidade, quanto

às tentativas de se construir, com os povos indígenas, uma educação que atenda os anseios da nova geração dos povos indígenas.

Para essa autora (1981, p. 12) “[...] a escola tem historicamente lugar de destaque nas relações interétnicas para as comunidades indígenas”, pois é no cenário escolar que são tratadas, não só as ações da prevenção das IST e da Aids, nas últimas duas décadas — como preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais nos temas transversais: o cuidado com a saúde e o corpo — como também as questões que tratam das demais demandas vividas por esses povos.

As instituições escolares localizadas em áreas indígenas, portanto, se constituem em um espaço de fronteira que oportuniza o desenvolvimento dessas ações, uma vez que possibilitam a discussão de sobrevivência da etnia, da sexualidade e a valorização da cultura indígena, considerando a cosmovisão das crenças, os rituais de passagens, as tradições que estão implícitos na vida privada e na intimidade de homens e mulheres indígenas.

Dessa maneira, consideramos a escola como um espaço privilegiado para o debate e o diálogo sobre as questões que envolvem as vivências da sexualidade, por meio de um currículo que possibilite um aprendizado, não só dos conteúdos curriculares, mas também das dimensões políticas, culturais e sociais que envolvem essa temática.

Entretanto, foi possível constatar, pelos resultados dessa pesquisa que a concepção sobre o cuidado com a saúde e o corpo precisa ser debatida e incorporada às práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas, a fim de evitar o discurso da Educação Preventiva que deixa de lado o debate e a compreensão das diferenças sexuais e culturais, tanto do nascimento como da morte e também dos difíceis caminhos da prevenção e da adesão ao tratamento.

Para tanto, constituem o corpus, além das narrativas dos acadêmicos, o discurso dos professores indígenas da região pantaneira que participaram das Oficinas de Educação Preventiva das IST/HIV/Aids e hepatites virais, no final da década de 1990 e início dos anos 2000.

No que diz respeito à temática investigada é importante também destacar que, ao longo das últimas décadas, Maciel (2009) se dedicou ao desenvolvimento de uma metodologia de Educação Preventiva, que envolveu essas comunidades como protagonistas nessas Oficinas de Prevenção das IST/HIV/Aids e hepatites virais. Esse trabalho também está

alinhado à Política de Saúde dos Povos Indígenas (2000), possibilitando um diálogo com as concepções de saúde e doenças, os códigos históricos, linguísticos e culturais de vida privada dessas etnias.

Essa metodologia foi premiada pelo Colégio Indicador da Fundação Péter Murányi, em 2009, por ter sido considerada aplicável em outros contextos e para outras populações, uma vez que foi pensada para ser difundida em regiões de grupos indígenas diversos, relacionado à melhoria da saúde, da qualidade de vida de cidadãos e cidadãs indígenas.

Para o levantamento dos dados do referido Programa, o “relato” oral não ficou relegado a um segundo plano, pois nas últimas décadas, a denominada “história oral” reaparece valorizada, especialmente como um corpus importante para os cientistas sociais que, em razão do seu sucesso nessa área, passaram a tê-la como a técnica por excelência capaz de se contrapor às quantitativas, como observa Queiroz (1988, p. 14). Alguns sociólogos — mesmo utilizando a técnica da história de vida — argumentavam que esta evidenciava parcialmente a realidade, mas era importante para captar o não explícito.

Os aspectos teóricos relativos à Análise do Discurso estão fundamentados nas investigações de Pinto (2007), possibilitando uma reflexão sobre enunciados concretos construídos por sujeitos ideologicamente constituídos, tendo em vista que o uso da língua dentro do contexto social em que vivem e atuam estabelecem vínculos sociais com outros sujeitos e outras culturas.

Dessa perspectiva, é possível afirmar que o contexto histórico-social é um dos aspectos determinantes na construção do sentido, sendo importante ressaltar que os sujeitos realizam escolhas linguísticas diferenciadas para expressar as noções que envolvem cada enunciação, evidenciando, neste caso, outros desdobramentos das noções já existentes do dito e não-dito sobre a sexualidade e os códigos culturais da vida privada.

Currículo e conhecimentos tradicionais indígenas

As etapas da presente pesquisa incidiram sobre a realização de oficinas, coleta de depoimentos dos professores, acadêmicos e das comunidades, apresentando resultados sobre o cuidado com o corpo e a saúde que devem ser também incorporados aos conteúdos curriculares, a fim de que não ocorra uma dissociação entre os conhecimentos tradicionais dos

professores indígenas e os conhecimentos científicos sobre os processos da Educação Preventiva das IST/HIV/Aids e hepatites virais.

Nesse sentido, a análise dos dados da pesquisa em andamento, visa construir — em conjunto com os agentes de saúde, acadêmicos e professores indígenas — a reorganização curricular dessas escolas, considerando as temáticas da prevenção das IST/HIV/Aids e hepatites virais— notadamente as relações de gênero, de etnia, os contatos interétnicos e o encontro de gerações, não só em uma perspectiva das vivências desses professores, mas sobretudo, estabelecendo uma articulação com os conhecimentos médicos, biológicos, psicológicos, históricos e linguísticos, a fim de incorporá-los nas práticas de atenção à saúde dessas populações, conforme os saberes e os conhecimentos culturais que circulam em seus territórios.

Esse currículo escolar em construção possibilitará estreitar os limites e a fronteira para o alcance e a eficácia dessas práticas de atenção à saúde, em uma linguagem educativa, da apropriação do processo de ensino e de aprendizagem do cuidado de si. Dessa perspectiva, é possível descortinar o imaginário social e cultural das doenças para essas etnias indígenas e seus membros sem atemorizá-los.

É fundamental, portanto, que os órgãos sistematizadores de políticas públicas, na área da saúde e da educação do país, tomem conhecimento das concepções, das crenças e dos valores presentes nas narrativas dos povos indígenas que evidenciam as suas memórias de formação no campo da sexualidade, fundamentadas nas tradições que circulam na comunidade — de pais para filhos — e no permanente contato interétnico, entre o Eu e o Outro, conforme explicitam os discursos a seguir:

[...] Meu marido diz que se colocar camisinha *ele (pênis) fica com sono porque está entocado. Se colocar camisinha o pênis cai e dorme. Ele diz que é para usar camisinha só com “puta” de bordel, e ele não sai por aí.* (BT, Aluna Terena, 19 anos, grifo nosso).

[...] Tem que conversar, explicar entre o homem e a mulher. Só que os homens não ouvem as mulheres, eles levantam e deixam a mulher falando sozinha. Meu marido já deixou falando sozinha. Só pra não usar a camisinha. Ele fala que é coisa só da cabeça da mulher e do homem não acontece nada. E eu acabo cedendo, nunca tive relações com camisinha. *Os índios não aceitam usar camisinha, porque o líquido do homem é o líquido da vida, o índio acredita que carrega a semente da vida. Ter filhos para os Terena é garantir a sobrevivência do povo no mundo. Antigamente vinham muitas camisinhas para o posto de saúde da aldeia e acabava vencendo e era devolvido para a FUNASA, todas as caixas fechadas.* (ET, Aluna Terena 35 anos, grifo nosso).

Ao enunciarem os seus discursos, essas mulheres colocaram em evidência os efeitos de sentido a partir do lugar que ocupam e da compreensão que têm do que é enunciado. São esposas que nem conseguem tratar da questão da prevenção com seus maridos, porque, para eles e elas, a questão da sexualidade é vista a partir das suas concepções, dos seus costumes, das suas crenças e dos valores culturais das etnias diante das IST/HIV/Aids e hepatites virais, que evidenciam a forma como, essas populações, se relacionam com o corpo e o cuidado de si.

Outro efeito de sentido que pode ser construído a partir da imagem que essas indígenas fazem do lugar que ocupa seu interlocutor, o seu Outro é que a doença pode vir desse Outro, do não indígena e também do próprio indígena. O lugar de quem, no contato interétnico, traz a doença, produzindo entre esses povos a desesperança e o medo.

Diante desse contraponto, o questionamento que necessita ser detidamente investigado ainda: é como as instituições escolares e principalmente os agentes de saúde e professores indígenas poderão ter a percepção de saúde e doença para estruturar e implementar um currículo, no que diz respeito à Educação Preventiva das IST/HIV/Aids e hepatites virais, de forma que, entre outras questões, os preservativos: masculino e feminino, não sejam um dispositivo banalizado, nem as formas de transmissão e infecção dessas doenças desconsideradas na formação das novas gerações de homens e mulheres indígenas?

Diante desse questionamento, Souza (2004) salienta que,

há uma dissociação fundante, que tem peculiaridades brasileiras, entre memória e educação. A transformação de descrições teóricas (principalmente psicológicas) em práticas pedagógicas, apoiadas na autoridade de um discurso percebido como “científico”, “natural” e “moderno”, levou a aceitação acrítica de teorias, muitas vezes na sua versão pasteurizada, para o ensino de professores. (SOUZA, 2004, p. 17).

A autora nos possibilita refletir sobre a formação de professores e o sentido das práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas e a presença da fragmentação do conhecimento como, por exemplo, os materiais didáticos que nem sempre apresentam uma articulação desse conhecimento entre o universal e o singular. As contribuições dessa autora podem ser também consideradas no processo de investigação do funcionamento da formação

dos professores e das práticas pedagógicas implementadas nas escolas indígenas da região pantaneira sul-mato-grossense.

Dessa perspectiva, as narrativas dos professores indígenas participantes do Programa de Educação Preventiva das IST/HIV/Aids e hepatites virais nos possibilitam conhecer — por meio do contexto histórico social evidenciado por esses discursos — a organização social e cultural dessas etnias, notadamente, suas histórias de formação, bem como seus saberes e códigos culturais, a fim de estruturar e implementar um currículo que considere o modo de ser e viver, bem como os processos próprios de aprendizagem dessas etnias.

Diante dos registros da disseminação das IST/HIV/Aids e hepatites virais, a Educação Preventiva é fundamental no currículo escolar de indígenas e não indígenas, pois os dados estatísticos comprovam a rápida disseminação do vírus da Aids em populações socialmente vulneráveis e as etnias indígenas brasileiras, também estão na mira do HIV, pois o vírus não respeita fronteiras⁴, conforme é possível constatar nos dados epidemiológicos da América Latina (UNAIDS, 2007), no Brasil e entre os povos indígenas, bem como, desvelar os constantes contatos interétnicos que evidenciam a vulnerabilidade da saúde indígena.

Entretanto, essas questões precisam ser continuamente investigadas inclusive para evidenciar se as instituições escolares, na atualidade, possibilitam à comunidade espaços de interlocução sobre o processo de prevenção das IST/HIV/Aids e hepatites virais e se estão previstos nos currículos dos projetos pedagógicos e em que dimensão são abordados em sala de aula com os estudantes, considerando os aspectos biológicos, políticos, subjetivos e culturais.

De acordo com Birman (1994) no campo:

[...] da sexualidade é o Outro que dialoga com o universo sanitário, psíquico, social e político da Aids. O que está em pauta é a assunção de uma outra normal sexual, que possa rasgar as fronteiras instituídas pelas maledicências e pelas hipocrisias mortíferas, de maneira que se possam reconhecer múltiplas formas de existência da subjetividade. (BIRMAN 1994, p. 115).

Muito embora o tratamento medicamentoso tenha sido popularizado e quimicamente se mostre eficaz na última década, para Birman (1994), a epidemia da Aids espalha-se pelo mundo sem respeitar qualquer fronteira, encarnando a mais recente representação do mal,

⁴ O termo fronteira refere-se não só a delimitação geográfica, mas, sobretudo, às relações interculturais, econômicas e sociais vividas por indígenas e não indígenas, nas diferentes situações de convivência social.

produzida pelo imaginário social do Ocidente, sendo esta configuração tecida nos seus mínimos detalhes com requintes obscenos de um universo macabro. Nessa universalização do mal, que se enuncia como absoluto e se apresenta como sendo literal, a Aids não encontra ainda limites seguros para o seu circo de horrores e para a sua inescrupulosa ameaça de morte.

A dimensão da subjetividade diante da Aids, tão bem analisada e estudada por Birman (1994) pode ser apontada como uma das contradições presentes no trabalho desenvolvido pela Educação Preventiva das IST/HIV/Aids e hepatites virais e que precisa ser considerada nos currículos dos cursos de formação de professores indígenas e não indígenas, bem como no contexto das políticas públicas de saúde e educação.

Essa dimensão está presente na lógica de pensamento do indígena em relação à linguagem dos desejos, dos seus costumes culturais e sexuais. Assim não só a dimensão biológica, mas, sobretudo a dimensão subjetiva e política podem ser um dos caminhos para a prevenção dos “comportamentos de riscos” no que se refere à Aids, elementos culturais que devem ser levados em consideração, tanto nas sociedades indígenas, quanto nas não indígenas.

Considerações finais

Os desdobramentos da pesquisa preveem a realização da análise das ações do Programa de Educação Preventiva das Infecções Sexualmente Transmissíveis/HIV/Aids e hepatites virais, desenvolvidas com os Acadêmicos Indígenas — oriundos dos povos Guató, Kadiwéu, Kinikinau e Terena — residentes no Pantanal Sul-Mato-Grossense, sendo esses acadêmicos, os agentes indígenas de saúde e o pessoal técnico especializado capacitados para constituírem-se como multiplicadores para atenderem as referidas comunidades.

Os resultados desta pesquisa contribuirão com o estabelecimento da categorização das temáticas da Educação Preventiva das ISTs/HIV/Aids e hepatites virais, presentes na discursividade dos acadêmicos indígenas que habitam a Região Pantaneira Sul-Mato-Grossense, por meio da identificação das suas concepções de mundo, em uma perspectiva dos estudos da pedagogia indígena; das ciências médicas, da linguística aplicada; da história; da sustentabilidade dos territórios e das cosmologias e mitologias que expressam as representações coletivas desses grupos, consolidando, desta forma, os princípios e as

diretrizes do currículo da Educação Escolar Indígena e também à saúde dessas populações atendidas pelo Sistema Único de Saúde.

Outro aspecto relevante é o estabelecimento das comparações entre os discursos das narrativas desses indígenas e os discursos das campanhas de prevenção às IST/HIV/Aids e hepatites virais, pois possibilitará a compreensão dos processos próprios de aprendizagem, por meio dessas campanhas e dos códigos culturais de vida privada dessas etnias em relação à preservação da vida, ao cuidado de si e à sistematização curricular nas práticas pedagógicas para esta geração e para as gerações futuras, tanto no Estado de Mato Grosso do Sul como também do Brasil.

Referências

BIRMAN, Joel. Sexualidade: entre o mal e maledicências. In: LOYOLA, M. A. et al (Org.). **Aids e Sexualidade: o ponto de vista das ciências humanas**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: UERJ, 1994.

MACIEL, L. T. L et al. **Educação de Jovens e Adultos e Prevenção das DST/AIDS em Escolas Indígenas do Pantanal de Mato Grosso do Sul, Brasil**. São Paulo: Fundação Péter Muranyi, Prêmio Péter Murányi, 2009 – Educação. Disponível em: <http://www.fundacaopetermuranyi.org.br/main.asp?pag=2009> Acesso: 06 fev 2016.

MAHER, Terezinha Machado. **Ser professor sendo Índio: questões de língua(gem) e identidade**. Campinas: Unicamp. Tese, (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Campinas, 261 fl,1996.

PINTO, M. L. **Discurso e Cotidiano: Histórias de Vida em Depoimentos de Pantaneiros**. São Paulo: USP, Tese, (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa. Universidade de São Paulo, 246 fl, 2007.

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível!”. In: VON SIMSON, O. de M (Org.). **Experimentos com Histórias de Vida – Itália-Brasil**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.(Enciclopédia aberta de Ciências Sociais; v.5).

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. **A Escola e a Memória**. Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2004. 196p.

UNAIDS. **Situación de la epidemia de Sida: informe especial sobre la prevención del VIH/SIDA: Programa /conjunto de Las Naciones Unidas sobre /El VIH/SIDA, versión española, diciembre de 2007. Versión original inglesa.**